



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: uma proposta pedagógica para trabalhar as diferenças na fala cotidiana de acordo com o gênero e a faixa etária

Gabriela do Rosario Silva

(Mestre em Cognição e Linguagem- UENF/ Licencianda em Letras- IFFluminense)

Cyntia dos Santos Jorge

(Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e Licencianda em Letras- IFFluminense)

Williane de Sá Marques

(Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e Licencianda em Letras- IFFluminense)

Resumo: O presente estudo objetiva apresentar, ainda que brevemente, uma proposta pedagógica para o trabalho com uma das variações linguísticas que se manifestam nos falares dos brasileiros, especificamente os residentes no município de Campos dos Goytacazes-RJ: a variação individual. Partindo do pressuposto de que “variedade linguística” é a propriedade que a língua tem de se modificar em razão da situação de uso e das características do falante, a “variação individual” é determinada pelas particularidades oratórias, podendo ser identificadas mediante aspectos como a faixa etária ou o gênero do falante. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de vertente descritiva da linguagem de determinados sujeitos, identificada por meio de entrevistas guiadas e/ou espontâneas, compondo o *corpus* da pesquisa.

Palavras-chave: Variação Linguística, Educação Básica, Língua Portuguesa, Gênero, Faixa Etária

1. Introdução

Diante da inquestionável pluralidade linguística da sociedade contemporânea, ainda mais evidente quando se trata do Brasil, país de dimensão proporcionalmente continental, o presente trabalho tenciona apresentar, ainda que brevemente, uma das variações linguísticas que se manifestam nos falares dos brasileiros, especificamente os residentes no município de Campos dos Goytacazes, situado na região norte do Estado do Rio de Janeiro¹: a variação individual. Partindo do pressuposto de que a variedade linguística é a propriedade que a língua tem de se modificar em razão da situação de uso e das características do falante, a “variação individual” é determinada pelas particularidades oratórias, as quais podem ser identificadas a depender de aspectos como a faixa etária ou o gênero do falante.

¹ Importa mencionar que, duas das entrevistadas são brasileiras, quais sejam, uma criança e uma adolescente, que moraram fora do Brasil e estiveram em contato com a língua inglesa por um longo período.



A partir da contribuição de autores como, Ataliba de Castilho (2010), Marcos Bagno (2012), Tânia Maria Alkmim (2006) e William Labov (2003, [1972] 2008), este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de vertente descritiva da linguagem de homens e mulheres, bem como de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, identificada por meio de entrevistas guiadas e espontâneas, compondo o *corpus* da pesquisa. As autoras transcreveram as gravações com base na norma de transcrição do Português Brasileiro apresentada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e, diante dessas transcrições, foram analisados os aspectos que apontam as variedades linguísticas reconhecidas no que tange ao gênero e à faixa etária dos entrevistados.

Na primeira parte do trabalho, faz-se uma breve contextualização histórica dos estudos linguísticos a partir do interesse pelos aspectos sociais da linguagem e da fundação da Sociolinguística. Em seguida, apresentam-se os eixos nos quais se organizam as variações linguísticas, como variação geográfica, sociocultural, individual, de canal e temática. Na terceira seção, por sua vez, especificam-se as concepções da variação individual, que é o objeto de pesquisa do trabalho, e, por fim, analisam-se as descrições das entrevistas com base no referencial teórico apresentado nas seções anteriores.

É importante destacar que a relevância da pesquisa justifica-se mediante o interesse de estudantes de bacharelado e licenciatura em Letras em compreender como se sucede a variação individual na oralidade dos campistas; no entanto, não há a pretensão de esgotar a exposição de dados e/ou a discussão acerca desse tema, mas apenas iniciar o assunto e contribuir para pesquisas futuras.

2. Língua e Sociedade: a emergência da Sociolinguística

Embora pareça óbvia a relação entre a linguagem e a sociedade — já que aquela se manifesta por intermédio desta — os primeiros estudos dedicados aos fenômenos linguísticos não contemplavam esse aspecto social. De início, as posturas adotadas pelos estudiosos da língua estavam ligadas às questões biológicas, e, posteriormente, estruturais — no século XIX, o estudioso das ciências naturais, Augusto Schleucher, afirmava que a linguagem “é o produto da ação de complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador” (CÂMARA JR, 1975 *apud* ALKMIM, 2006, p. 22). E, ainda, segundo o estudioso, a diversidade das línguas estava relacionada indissolúvelmente à diversidade de raças. No século XX, mais precisamente em 1916, Ferdinand Saussure iniciou a tradição estruturalista, definindo a língua como “sistema subjacente à atividade da fala [...] que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala” e que afasta “tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema” (ALKMIM, 2006, p. 23).

No entanto, contradizendo a essa perspectiva formal e estrutural da língua, Saussure foi um dos pioneiros a considerar a natureza sociológica da linguagem ao reconhecer que esta era um “fato social” — parafraseando o sociólogo Émile Durkheim (1918, p. 11), que definia essa denominação como “toda a maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter”. O linguista francês (1916, p. 31 *apud* ALKMIM, 2006, p. 23) afirmava que “o estudo dos fenômenos linguísticos é muito frutífero”, mas ainda trabalhava com a relação dicotômica entre a Linguística Interna, que teria como tarefa descrever o sistema da língua, e a Linguística Externa, que se dedicava à fala. Segundo Alkmim (2006), essa distinção foi a responsável por segmentar o campo de estudos da linguística até a contemporaneidade.



Ainda no século XX, muitos outros autores dedicaram-se, mais veementemente, à função de pensar a língua em um contexto cultural, histórico e social, principalmente a partir da década de 1930. Um deles foi Antoine Meillet, discípulo de Saussure, que refletia quanto aos aspectos diacrônicos da linguagem. Mais tarde, Mikhail Bakhtin (1929), Roman Jakobson (1960), Marcel Cohen (1956) e Émile Benveniste (1963) também postularam sobre essa temática, considerando, ainda, os aspectos ligados à comunicação, ao discurso e às ciências humanas em geral.

Diante dessa nova perspectiva da língua, outros pesquisadores se debruçaram, como, por exemplo, William Bright, Dell Hymes, entre outros, sendo possível afirmar, portanto, que o interesse pelo aspecto social da linguagem surgiu nesse período. Todavia, o termo “sociolinguística” foi cunhado somente após a contribuição de William Labov (1963), considerado o “fundador” desse campo de estudos. De acordo com Alkmim (2006), esse título lhe foi dado após a publicação de um trabalho relacionado às variações linguísticas na ilha de Martha’s Vineyard, no litoral de Massachussets, onde Labov relacionou os fatores sociais como idade, sexo, ocupação, etnia e atitude à pronúncia de determinados fones do inglês. No ano seguinte, ele fixou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico em comunidades urbanas, e esse modelo foi intitulado “Sociolinguística Variacionista” ou “Teoria da Variação” que exerceu “grande impacto na linguística contemporânea” (ALKMIM, 2006, p. 30). Labov ([1972] 2008) acreditava que o novo modo de fazer linguística consistia em estudar empiricamente as comunidades de fala. Em prol desse objetivo, a Sociolinguística proposta por Labov é aquela com enfoque no estudo da estrutura e da evolução da língua em seu contexto social, isto é, da comunidade de falantes (LABOV [1972] 2008).

A autora destaca, ainda, que a emergência do formalismo também contribuiu para o fortalecimento dessa visão social da língua. Com base nessa contextualização, Alkmim (2006, p. 29-30) define o objeto da sociolinguística como “o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. Nesse sentido, o ponto de partida desse campo de estudos seria a comunidade linguística, isto é, “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. E o repertório verbal a que se referem as pesquisas nesse campo seria constituído pelo “conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade”. É sobre essas variedades que baseia a próxima seção desse trabalho.

3. Variação linguística: definição e ramificação

Considerando que “as línguas são constitutivamente heterogêneas” (CASTILHO, 2010, p. 197) e que “o monolingüismo é uma ficção” (BAGNO, 2015, p. 27), é correto afirmar que qualquer idioma apresenta uma série de variantes, a depender dos aspectos individuais, sociais, culturais, geográficos, econômicos, etc. referentes aos seus falantes. Essa máxima é ainda mais legítima quando se trata do Português Brasileiro, uma língua falada por mais de 200 milhões de pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2018. Além disso, o povo de cada uma das cinco regiões do território nacional, de cada uma das 27 unidades federativas e ainda dos municípios que as constituem, possui uma comunidade linguística com suas particularidades, principalmente fonético-fonológicas, lexicais e semânticas. Dentro dessa perspectiva, é importante lembrar ainda que as línguas são continuações históricas, isto é, sofreram inúmeras transformações no decorrer das gerações e, portanto, estão suscetíveis a mudanças conforme



as necessidades dos seus enunciadores (ALKMIM, 2006). O conceituado linguista, Luiz Antônio Marcuschi, reitera essas considerações:

[...] toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relação linguística imanentes. Ao contrário, minha concepção da língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível à mudança), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situação de uso concretas, com texto e discurso (MARCUSCHI, 2007, p.43).

Essa heterogeneidade da língua, principalmente sob o ponto de vista sincrônico, é o que permeia os estudos da sociolinguística. Segundo a autora Tânia Maria Alkimim (2006, p. 34-35), em resumo, as variedades linguísticas podem ser descritas a partir de dois parâmetros: variação geográfica (diatópica) e variação social (diastrática). A primeira “está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico”; já a segunda “relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade de fala”.

Os linguistas Rodolfo Ilari e Renato Basso (2007, p. 151-152), por sua vez, concordam com a definição de Alkimim, mas propõem uma segmentação mais ampla. Para eles, a variação é, de fato, um fenômeno natural da língua; no entanto, essas variações seriam divididas como: “variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica” que seriam, respectivamente, variação histórica, geográfica, social, e entre oralidade e escrita.

O gramático Ataliba de Castilho (2010, p. 197) apresenta uma divisão semelhante. De acordo com o autor, a diversidade do Português Brasileiro é organizada pelos seguintes eixos: “(1) variação geográfica, (2) variação sociocultural, (3) variação individual, (4) variação de canal e (5) variação temática” e “cada uma dessas variações é organizada por um conjunto de variantes, ou seja, um conjunto de usos linguísticos”.

Para Castilho (2010), a variação geográfica seria a mais perceptível e essa visibilidade contribuiu para a criação de um campo de estudos específico, chamado “dialetologia”. Quanto à variação sociocultural, o autor afirma que está relacionada ao segmento social de onde o falante procede e ainda sugere uma subdivisão entre o Português Brasileiro Popular e o Culto, os quais possuem pronúncias e vocabulários diferentes entre si. A variação de canal, segundo Castilho (2010), é referente à divergência entre a língua falada e a língua escrita. Já a variação individual é, portanto, aquela em que se consideram as particularidades linguísticas observadas a partir do registro — linguagem formal ou informal; da idade/faixa etária; e do gênero, ou seja, as disparidades existentes entre o falar de homens e mulheres. É sobre essas duas últimas variedades que está pautado o presente trabalho.

3.1. Variação individual: as diferenças na oralidade a partir da faixa etária e do gênero dos falantes

Conforme explicitados na introdução e na seção anterior, o intuito desse trabalho é abordar, especificamente, as variedades linguísticas observadas, tendo como parâmetro a faixa etária e o gênero dos falantes. Para Alkmim (2006), essas variedades estão incluídas no nicho



das variações diastráticas, isto é, sociais. Segundo a autora, a idade e o sexo são fatores relacionados às variações de natureza social.

No que se refere à idade, Alkimim destaca que falantes mais jovens teriam maior propensão ao uso de gírias, e a pronúncia fechada de vogais tônicas é uma característica da oralidade de pessoas mais idosas. Quanto ao sexo, a autora afirma que mulheres teriam o costume de alongar a duração de vogais como recurso expressivo, bem como o uso frequente de diminutivos.

Ataliba de Castilho (2010), por sua vez, conceitua as variedades de idade e sexo como parte das variações individuais. O autor explica que esses parâmetros estão diretamente ligados aos indivíduos e não à sociedade. Sobre as possíveis diferenças entre falantes mais jovens e mais idosos, Castilho (2010, p. 212) cita Naro (1991) ao afirmar que “velhos falam como se falava antes, e jovens acolhem as mudanças na língua que foram generalizadas posteriormente”, o autor também considera a utilização das gírias como uma característica de falantes jovens.

Em relação ao gênero, o Ataliba (2010, p. 212) lembra que a estrutura da língua portuguesa “não explorou muito fortemente a diferença entre sexos, de comparar a outras línguas”, mas pesquisas mostrariam que mulheres e homens distribuiriam algumas expressões de maneira diferente como “eh...” e “ahn...”.

O interessante dessa variedade linguística é que, em geral, homens e mulheres estão inseridos na mesma comunidade, não vivem isolados, mas isso não impede que ambos apresentem padrões próprios da língua. Já no que tange à idade, é possível perceber que as diferenças no falar de adultos e crianças, por exemplo, são observadas mais claramente por meio do léxico. Enquanto um adulto possui um domínio maior da língua e um vocabulário mais abrangente, a criança, por sua vez, utiliza uma linguagem mais simples, com um léxico restrito e, a depender de outros aspectos sociais, ainda podem apresentar dificuldades no que diz respeito à sintaxe. Essas diferenças serão mais bem explicitadas na próxima seção, a qual faz-se uma análise da linguagem de crianças, jovens, adultos e idosos, bem como de homens e mulheres por meio de gravações de entrevistas guiadas ou espontâneas realizadas pelas autoras desse trabalho.

4. Análise das entrevistas

Os participantes que contribuíram para a realização do presente trabalho são, em sua maioria, provenientes da cidade de Campos dos Goytacazes/ RJ. Vale destacar que uma criança e uma adolescente nunca residiram nessa cidade, e sim fora do país por alguns anos; mas, convivem diretamente com pais, campistas. Os dados coletados foram analisados em consonância com os níveis de variação: gênero e idade. Não obstante, dentro da análise foram considerados os seguintes aspectos nos depoimentos dos entrevistados: fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, semânticos e lexicais. Contudo, ressalta-se que as ocorrências dos referidos aspectos acontecem, simultaneamente, no processo de produção oral, pois os enunciadores não têm a percepção da ocorrência de tais fenômenos em suas falas.

Quanto à variação de idade, nas entrevistas foram notórias poucas linearidades nas falas, principalmente no caso da criança e das adolescentes. Já nos depoimentos de pessoas adultas, tal situação foi menos observada. Existe também o uso de gírias, principalmente na adolescência. Além, do uso de expressões “antigas” na linguagem de pessoas mais idosas.

Quanto à variação de gênero/sexo, dentre os entrevistados, foi possível a constatação de que um deles, mulher, utilizou-se menos de variantes estigmatizadas do que outro



entrevistado, homem, do mesmo grupo e sob as mesmas circunstâncias; LF recorreu mais aos aspectos concernentes às variantes de prestígio para responder a uma questão. Notou-se também que o gênero feminino se adapta linguisticamente melhor do que o masculino (LM) para determinadas situações do campo da sociolinguística, as quais fluem naturalmente ao longo dos seus depoimentos.

Faremos, agora, uma análise das entrevistas que estão anexadas nas últimas páginas desse trabalho:

Entrevistada 1: LF1- Sexo feminino, 06 anos de idade, pais campistas, estudante do 1º Ano do Ensino Fundamental

Tema: Férias em Campos dos Goytacazes

Duração: 10 minutos

Contexto: As interlocutoras estavam na praia, em um fim de semana de julho. As entrevistadas estavam passeando, nas férias, em Campos, para rever a família. A entrevistadora comentou que gostaria de ter uma conversa informal com as duas entrevistadas para registrar a fala de uma criança que acabou de chegar no Brasil, depois de estar fora do país, morando e estudando em uma escola americana.

Por ainda estar habituando-se à Língua Portuguesa, a entrevistada fazia pausas para pensar em como responder em português. Verificamos que se trata de uma criança que gosta muito de contos de fadas, fala como se estivesse encenando, gesticulando com os braços, o que compõem um discurso com muito entonação.

Os marcadores discursivos evidenciados foram: “hum”; “ahm”; “nem sei”; “não sabe”.

Entrevistada 2: LF2- Sexo feminino, 12 anos, pais campistas, estudante do 6º ano do Ensino Fundamental

Tema: Experiência escolar em escolas estrangeiras

Duração: 12 minutos

Contexto: As interlocutoras estavam na praia, em um fim de semana de julho. A entrevistada estava passeando, nas férias, em Campos, para rever a família. A entrevistadora comentou que gostaria de fazer uma entrevista para registrar a fala de um adolescente sobre os estudos. Aproveitou que a entrevistada morou fora do país alguns anos, na Inglaterra, e depois nos Estados Unidos, e perguntou sobre a experiência da entrevistada na escola nos EUA e no Brasil, já como adolescente.

Poucas pausas, rapidez no raciocínio e na oralidade.

Apesar de ter morado fora do Brasil durante muito tempo, e, de, enquanto criança, utilizar as estruturas do Inglês para o Português, nota-se uma adolescente com uma dicção muito boa e com uma linearidade na fala.

Marcadores discursivos: tipo, daí.

Entrevistada 3: LF3- Sexo feminino, 16 anos, campista, estudante do 2º Ano do Ensino Médio

Tema: Convívio com os amigos

Duração: 06 minutos

Poucas pausas, rapidez no raciocínio e na oralidade.

Marcadores discursivos: ah, assim.



Entrevistado 4: M - Sexo masculino, 25 anos, campista, estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental e servente de obras

Tema: O ser homem na sociedade brasileira

Duração: 05 minutos

Poucas pausas; encurtamento de palavras e não pronunciamento de “r” e “s”, fala direta, sem rodeios para explicações.

Entrevistada 5: L- Sexo feminino, 26 anos, campista, estudante do Ensino Superior

Tema: O ser mulher na sociedade brasileira

Duração: 07 minutos

Poucas pausas: rapidez na oralidade, boa dicção.

Marcadores discursivos: Tipo, entendeu, né.

Entrevistada 6: L- Sexo feminino, 30 anos, campista, Ensino Superior completo, jornalista

Tema: Fatos sobre o filho LM

Duração: 15 minutos

Poucas pausas; rapidez na oralidade; diminutivos

Uso de expressões: "meia", "vamo", "tava"

Marcadores discursivos: aí, né, eh, então, assim.

Entrevistada 7: L- Sexo feminino, 53 anos, campista, Ensino Médio completo, dona de casa

Tema 1: Ser mãe

Duração: 14 minutos

Tema 2: Reunião familiar

Duração: 07 minutos

Muitas pausas; truncamentos; alongamentos de vogais e consoantes; entonação enfática; repetição de palavras.

Uso de expressões: "num", "mulequim", "bunitim", "tô".

Marcadores discursivos: eh, né, aí.

Entrevistado 8: L- Sexo feminino, 90 anos, campista, Ensino Fundamental completo, dona de casa

Tema: Como conheceu o esposo

Duração: 15 minutos

Contexto: A entrevista foi realizada ao telefone, com a avó da entrevistadora. A escolha pelo telefone deu-se em virtude de que, pessoalmente, a entrevistadora teve receio de a avó não se sentir à vontade e deixar de falar com naturalidade. As duas, na ocasião, estavam em Campos dos Goytacazes, que é onde a entrevistada se refere como aqui. O telefonema durou cerca de 15 minutos, o qual girou em torno do seguinte assunto central: como a entrevistada conheceu o esposo.



Poucas pausas; deixa de pluralizar algumas palavras; alongamentos de vogais; muitas entonações enfáticas.

marcadores discursivos: tá, né (sem sentido de obviedade, buscando confirmação do que se diz).

5. Proposta pedagógica

As ciências linguísticas só chegam ao âmbito escolar brasileiro nos anos de 1980, aplicadas ao ensino de língua materna. Nesse aspecto, a Sociolinguística alerta a escola sobre a necessidade de contemplar a heterogeneidade linguística, de trabalhar com as diferenças, sobretudo, porque a democratização da educação trouxe à escola alunos de vivências diversas. Nesse aspecto, como ciência, a Sociolinguística contribui para a promoção de novas posturas do ser professor, no sentido de definição de conteúdos escolares e metodologias de ensino e aprendizagem (LABOV, 2003).

Inicialmente, podem ser destacados o reconhecimento de que há variação na linguagem e de que as pessoas revezam seus modos de fala em virtude de condicionamentos como: a) relações simétricas ou assimétricas entre falante e interlocutor, especialmente, as relações de poder e solidariedade; b) contexto social (casa, escola, trabalho, igreja, vizinhança); c) tópico discursivo (LABOV, 2003). Na ótica laboviana, não há falantes com um estilo homogêneo, pois todos os indivíduos apresentam variação fonológica e sintática; não obstante, crianças e pessoas mais idosas demonstram uma média menor de escolhas, pois têm participação social reduzida se comparadas a jovens e pessoas que estão no mercado de trabalho, cujas redes de contatos sociais são mais amplas.

Por essa razão, e por décadas (LABOV, 2003), guias educacionais têm solicitado aos professores que respeitem a linguagem não padrão como outro modo de falar, que a reconheçam como simplesmente diferente da linguagem da escola, em vez de condená-la como falhas, desleixos. Para tanto, o professor deve reconhecer, considerar e trabalhar com todas as variedades linguísticas, em que a correção não pode ensinar um novo tipo de regra, mas fornecer uma variante a ser usada em situações formais e informais.

Na perspectiva de Bagno (2015), todos os aprendizes devem ter acesso às variedades linguísticas urbanas de prestígio, não porque essas são as únicas formas corretas de falar e de escrever, mas porque constituíram, junto aos demais bens sociais, como um direito do cidadão, permitindo que esse possa adentrar, de forma plena, à vida urbana contemporânea, acessando aos bens culturais mais valorizados, bem como dispor dos mesmos recursos de expressão verbal (oral e escrita) daqueles que compõem as elites socioculturais e socioeconômicas do país. O acesso e a incorporação dessas variedades urbanas de prestígio se fazem pelas práticas de letramento “[...] por meio do convívio intenso, sobretudo no ambiente escolar, com gêneros textuais discursivos mais relevantes para a interação social nos modos de vida contemporâneos” (BAGNO, 2015, p. 15).

O diálogo com Bagno e Labov (2003) permitem a reflexão de propostas pedagógicas que promovam os aspectos delineados pelos autores, os quais devem orientar os planos educacionais do ensino de variação linguística em sala de aula e na escola. Nessa perspectiva, pode-se conversar com os referidos teóricos quando elencam que devem ser apresentados aos nossos alunos todas as possibilidades que a língua oferece, explicando o funcionamento de tais regras, os processos gramaticais que ocorrem em cada uma, bem como suas resultantes.

É necessário, também, ter a honestidade de explicar o valor social atribuído pelos falantes culturas a cada uma dessas estratégias [...] o ensino dessas formas padronizadas



conservadoras não pode vir acompanhado da atitude tradicional da escola de negar todo e qualquer valor às regras não-padrão, de despejar uma enorme carga de preconceito contra as opções sintáticas mais antigas ou mais inovadoras da língua, acusando elas de serem feias, erradas, estropiadas, dentre outras (BAGNO, 2009, 157-158).

Em prol do alcance da elaboração das propostas em questão, nota-se a presença do posicionamento das escolas para disseminar outras questões de campo, no intuito de fortalecer os direitos sociais em questão, respeitando as colocações e pronunciamentos do outro.

6. Considerações finais

A língua trata-se de um instrumento de constantes transformações. Em virtude de tal característica, essa não comporta a propriedades de elemento pronto, estagnado. Pela sua constituição, como elemento que é utilizado por todos os seres humanos, a língua encontra-se em constante movimento, criando e recriando objetos e elementos ao redor do mundo, que, estando em transformação, não pode ficar indiferente, eximindo-se dessas mudanças, pois é utilizada por todos.

Padronizada pela gramática normativa, a língua mediante o seu caráter de maleabilidade, admite variantes. Assim sendo, é fundamental que o falante tenha consciência de que a norma-padrão é apenas uma das variedades da língua. Destarte, é função da escola, o entendimento de que a norma-padrão deve ser ensinada e aprendida para que haja uma uniformização na escrita formal, mas também para facilitar também a comunicação em situações que exijam tal postura; contudo, é de suma importância o entendimento de que a língua, utilizada nas diversas situações, apresenta variedades linguísticas, e não um encadeamento de erros que precisa ser corrigido constantemente, principalmente quando os limites dessa “correção” começam a ser extrapolados, gerando situações desagradáveis, com destaque para o preconceito linguístico.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.1, 6ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 2015.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010;

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.



VII ENLETRARTE

Encontro Nacional dos Professores de Letras e Artes
DO PAPEL AO PALCO: ATOS DE RESISTÊNCIA

02 a 04 de Outubro de 2018
Campos dos Goytacazes/RJ

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.



ANEXO- Entrevistas na íntegra

ENTREVISTA GUIADA E FILMADA

Tema: Férias em Campos dos Goytacazes

Locutores: LF1- Sexo feminino, 06 anos de idade, pais campistas, estudante do 1º Ano do Ensino Fundamental e LF2- Sexo feminino, 12 anos, pais campistas, estudante do 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 10 minutos

Contexto: As interlocutoras estavam na praia, em um fim de semana de julho. As entrevistadas estavam passeando, nas férias, em Campos, para rever a família. A entrevistadora comentou que gostaria de ter uma conversa informal com as duas entrevistadas para registrar a fala de uma criança que acabou de chegar no Brasil, depois de estar fora do país, morando e estudando em uma escola americana.

D: LF1, conta pra gente, como foi a visita na casa da tia C pra você conhecer os gatinhos dela.

LF1: Foi um:::ito bom, gostei de ir ali. ((gesticulando com as mãos)). Ma::::sss foi mu;;;ito... hummm. Nem sei. Não sabe! ((começou a esconder o rosto, com vergonha))

D: Não sabe?

LF1: Não.

D: Qual o nome dos gatinhos, quais são os nomes?

LF1: E:::ma e... =

LF2: [Franc.

D: Como é que Franc se comportou?

LF1: Ahmmm ((olhando para a irmã, buscando ajuda para responder))

D: Pode falar ((se dirigindo a LF2))

LF2: Pode?

LF1: Nem sei

LF2: Ele... foi... A Ema respeitava mais. Mas não sei. Mas Hamm, Franc? NÃO! ((balançando a cabeça negativamente)). Ele, ele saiu da casa quando você disse pra não sair. Então... ((acenando em tom de concordar com o que disse anteriormente))

D: E LF1. Eles estavam em qual, em qual ambiente da casa?

LF2: ((sussurrando)) quarto

LF1: QUAR...TO!

D: No quarto de quem?

((para responder a partir daqui, LF1 passou a olhar para a irmã.

LF2: ((sussurrando)) tia C

LF1: TIA C!

D: ((risos)) LF2 está dando cola. Eles estavam aonde no quarto?

LF1: ((após olhar para a irmã que gesticulou)) DUR...MINDO!

((o celular encerrou a filmagem por falta de espaço))

ENTREVISTA GUIADA E FILMADA

Locutora: LF2- Sexo feminino, 12 anos, pais campistas, estudante do 6º ano do Ensino Fundamental



Tema: Experiência escolar em escolas estrangeiras

Duração: 12 minutos

Contexto: As interlocutoras estavam na praia, em um fim de semana de julho. A entrevistada estava passeando, nas férias, em Campos, para rever a família. A entrevistadora comentou que gostaria de fazer uma entrevista para registrar a fala de um adolescente sobre os estudos. Aproveitou que a entrevistada morou fora do país alguns anos, na Inglaterra, e depois nos Estados Unidos, e perguntou sobre a experiência da entrevistada na escola nos EUA e no Brasil, já como adolescente.

D: LF2 fala para mim sobre sua experiência na escola nos Estados Unidos já como pré-adolescente? Você acha diferente lá daqui do Brasil?

LF2: sim, mu::ito pois ahm ((risos com tom de sarcasmo)) lá ((estalar da boca)) a matéria é muito mais fácil que daqui aqui é muito difícil tipo você tem que saber tipo todo detalhe do que você está estudando enquanto lá é a coisa mais simples

((Enquanto falava mexia no casaco, abrindo e fechando o zíper. De forma bem natural e sem qualquer inibição))

D: é? como assim? me dá um exemplo de alguma matéria

LF2: humm, ciências cê tá aprendendo sobre:: ahm bactérias ali você tem que saber o nome da bactéria o nome científico da bactéria o que que ele causa o nome científico da doença enquanto lá só precisa saber a bactéria e a doença ((fez uma cara de óbvio))

D: nossa, que diferente, hein?

LF2: e daí:: pessoas também são diferentes brasileiros são mais amigáveis lá tem aquelas /tem um /as pessoas mais populares que são mais ahm hum = ((ficou buscando palavras pra explicar))

D: [na escola isso?

LF2: [é

D: ah é como a gente vê nos filmes?

LF2: por aí só que não é/não é o nível de maldade dos filmes é um/é menor:: ((ela hoje mora em Campinas, e puxa o R como os paulistas))

D: [ah, então existem pessoas que são popula::res e pesso::as=

LF2: [que... são deixadas de lado

D: e você era o quê na escola?

LF2: eu era deixada de lado (falou isso rindo naturalmente). só que eu tinha uma amiga muito boa. ela/ ela sofria boulim porque ela era gor::dinha

D: ah é? lá também tem boulim?

LF2: ((balançou a cabeça positivamente)) lá tem Bouling... mu::ito... eu também sofria de alguns, só que...

D: e me diz um boulim que você sofria

LF2: ahm:: ((estalar da boca)) “ah, você é brasile::ira” blá blá ((falou com um tom de que era desprezada e a forma com a qual se referiam a ela)) tipo, eles faziam boulim comigo só porque eu era brasileira daí e eu não/eu não era americana

D: isso/ isso pra qualquer tipo de estrangeiro ou pra brasileiro?

LF2: qualquer tipo de estrangeiro enquanto eu era a única brasileira na escola INTEIRA então era mais ... ((chato vivenciar isso, algo assim. Ela pausou e não falou mais))

D: como é que são os adolescentes aqui e os adolescentes lá?

LF2: muito mais amigáveis que os adolescentes de lá é todo mundo muito ((estalar da boca)) todo mundo se a::: cha ((estalar da boca)) tipo é tudo sobre ELES, ninguém mais, enquanto



aqui/enquanto aqui tem... ((entrevista interrompida pela irmã dela de seis anos que ficava jogando o casaco nela como numa brincadeira))

ENTREVISTA GUIADA

Tema: Convívio com os amigos

Locutora: LF3- Sexo feminino, 16 anos, campista, estudante do 2º Ano do Ensino Médio

Duração: 06 minutos

D: Como que é o seu convívio com os seus amigos?

LF3: Bom... Eu acho que o meu convívio com eles é bom porque eu procuro tratar todo mundo bem, respeitar pra também ser respeitada

D: Na escola o que vocês geralmente mais fazem?

LF3: Nos horários vagos ((risos)), geralmente, ah a gente às vezes conversa, a gente sai, vai do lado de fora e... quando dá pra fazer alguma coisa, estudar ou alguma coisa juntos, a gente vai e faz. A minha turma, graças a Deus, é bem unida

D: E assim sem ser na escola com os seus amigos também, no dia a dia, o que vocês costumam mais fazer, assim para se divertirem como jogar ir, ao cinema...?

LF3: Ah, eu não tenho um contato tão frequente com esses amigos assim, eu fico mais em casa e eu vejo eles mais na igreja ou na escola mesmo.

ENTREVISTA GUIADA

Tema: O ser homem na sociedade brasileira

Locutor: M- Sexo masculino, 25 anos, campista, estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental e servente de obras

Duração: 05 minutos

D: O que você pensa sobre o ser homem na sociedade brasileira?

M: Ser homem na sociedade atual é uma nova configuração do papel que antes era exercido pelos homens como meu pai e meu avô, porque hoje, em dia, a gente não faz só apenas o nosso trabalho... Olha só no meu caso: eu chego em casa do trabalho, tenho que olhar meu filho, ir pra escola porque também estudo à noite, às vezes tenho que cozinhar. Por exemplo, papai não faz isso... ele, quando mamãe não tá em casa, fica com fome, mas não vai pra panela, para arrumar alguma coisa para fazê e comê. Emburra a cara e espera ela voltar. Então, eu percebo muito que as coisas começaram a mudar

ENTREVISTA GUIADA

Tema: O ser mulher na sociedade brasileira

Locutora: L- Sexo feminino, 26 anos, campista, estudante do estudante do Ensino Superior

Duração: 07 minutos



D: O que você pensa sobre o ser mulher na sociedade brasileira?

L: Ser mulher na sociedade hoje é estar constantemente quebrando barreiras conquistando cada vez mais horizontes diferentes do que a mulher tinha. Em uma cultura anterior a nossa, se for parar para constatar, até algumas décadas atrás, as mulheres eram tidas como... unicamente, assim, para o lar, cuidar dos filhos... não se viam muitas mulheres, não havia muitas mulheres fazendo dupla jornada tipo ser mãe, trabalhar fora, ser esposa entendeu? Hoje em dia, na nossa sociedade ser mulher você quebra obstáculos porque você dá conta de tudo, entendeu? Você é uma única pessoa, mas você dá conta de tudo a sua volta né, da casa, do trabalho, da vida pessoal com a sua família também, você tem que se organizar então a gente quebra constantemente, eu acho que... entendo que as mulheres hoje têm quebrado, têm construído algo novo diferente na sociedade... e isso é cada vez mais comum, hoje, cada vez mais comum que a gente vê e a gente vai se construindo a cada momento e descobrindo que a gente é capaz de construir várias coisa, damos conta de ene tarefas, nós somos, hoje, multitarefas

ENTREVISTA GUIADA

Tema: Fatos sobre o filho LM

Locutora: L- Sexo feminino, 30 anos, campista, Ensino Superior completo, jornalista

Duração: 15 minutos

D: Me conta aí as peripécias de LM

L: Então LM é um menino que desde que ele fez/desde que ele nasceu eu já percebi nos primeiros dias em casa que tinha alguma coisa diferente com ele... mas assim nada de assustador mas eu percebi que com um mezinho ele já... tinha sinais de né (gesto) que qualquer criança de um mês não tem... fez seis meses ele já sentava um ano ele falava TUDO e aí me fazia até ficar até com vergonha porque: as crianças de um ano a maioria delas não falam ainda e ele falava e falava foneticamente quem entende do assunto conversava com ele falava assim “nossa ele fala muito bem” e tal... e hoje com três anos é aquela coisa assim que assusta né é um anãozinho né não é nem um/não parece uma criança parece um anãozinho um adultinho () ultimamente ele tem dado um pouco de trabalho... por/por eu perceber que é eh:: já tinha essa/essa tendência a ser bastante né hiperativo desde do início/desde quando ele fez seis meses eu já tratar de achar uma aula pra ele de natação... coloquei ele na aula de música queria que ele gastasse a energia dele e há uns seis meses atrás eu também senti necessidade de conversar com um psicólogo pra saber se eu estava de alguma forma eh eh interrompendo ou deixando que ele não evoluísse porque eu/eu fico o tempo todo polindo ele né “LM não fala isso” mas aí às vezes eu posso tá atrapalhando o desenvolvimento dele então eu tive necessidade

D: Mas o que que você fala... “não fala isso” o quê?

L: Porque tipo assim

D: Por exemplo

L: Eh:... ele observa aqui uma atitude sua... aí depois de muito tempo ele vem me CONTAR aquilo como se ele fosse um adulto entendeu? Então isso assusta às vezes um pouco ele não esquece nada às vezes a gente acha que ele não tá prestando atenção na história ele tá um pouquinho de longe aí daqui a pouco ele vem “aquela/aquela história minha mãe que você



tava conversando com num sei quem” quer dizer assim... ele tá prestando atenção no que você tá falando

D: Com três anos

L: Com três anos então assim ele ultima/essa semana teve uma atitude meia estranha na escola... brigou com a professora foi parar na coordenação então assim uma criança de três anos mas aí eu já conversei com psicólogo disse que é normal porque as crianças da sala dele não acompanham um pouco o ritmo dele enfim é mesmo uma questão de: mas ao/ao mesmo tempo é legal você ver uma criança que desenvolve conversa com você percebe as coisas ele é MUITO extremamente carinhoso... ele não consegue passar na calçada da escola se ele não achar uma florzinha no chão ele vem correndo e pega “minha mãe pra você” aí cata tudo da escola guarda num canto da mochila quando chega em casa ele lá vai na mochila e cata aquele monte de folha seca e “minha mãe guardei pra você” então assim ele é muito carinhoso mas eu mesmo tempo eu tenho ficado muito ligada porque: ele também tem essa tendência a:: se eu não controlar agora ser uma criança realmente levada ele é levado ele é teimoso ele desafia a gente então se eu não mostrar pra ele ensinar pra ele os limites agora... talvez se eu deixar isso escapar pode ser que no futuro eu tenha problemas com ele e é muito mimado né são quatro avós e uma bisavó... então assim... mais o pai então... eu tenho que ficar o tempo todo ligada mas eu acredito que: eu vá conseguir (risos) não tem manual né quando a gente engravida não vem um manual de como educar e criar um filho e aos trintas anos eu confesso que eu tô... meio perdida assim... mas eu acho que eu vou conseguir (ruído) mas no final das contas vai dar certo (ruído) tá dando certo né no final das contas vai dar certo eu tô fazendo a minha parte né

D: É... Mas me conta o que que ele fez agora na escola que que ele foi parar na coordenação?

L: Então ele tem um amigo na sala que tem o mesmo nome dele que é o LM e o LM é: é uma criança que tá/acho que tem diferença de meses pra ele e ele quer que o LM seja igual a ele e o LM às vezes não interage da mesma forma que ele então ele foi puxar um brinquedo da mão do LM aí brigou com um coleguinha pegou o brinquedo do coleguinha e jogou no chão aí a professora foi repreender ele aí ele ficou agressivo com a professora e empurrou a professora a outra professora veio falar com ele ele foi no braço da professora e mordeu... com três anos coisa que ele não tinha tido essa atitude no início quando ele era bebezinho ele tava com a mania de morder mas aí todo mundo falou que era normal

D: De beijinho né

L: Mas agora com três anos né aquela coisa () aí foi levado pra sala da coordenação chegou na sala da coordenação ele quis chamar atenção jogou tudo no chão virou cadeira tirou cascalho do vaso de planta... e aí quer dizer aí assustou um pouco as professoras que elas não estavam/não esperavam aquela atitude dele de uma criança de três anos... mas aí depois conversaram com ele e ele falou “eu fiz errado eu fui feio me desculpa” e tal e aí elas disseram pra eu ficar só tranquila que a escola tá acompanhando tá buscando tal mas que não é nada assim de assustador não ele não fez nada que nenhuma criança até hoje não tenha feito... e pra idade dele segundo a escola é normal mas a gente se assusta né cê vai pegar seu filho de três anos na escola tá na sala da coordenação... daqui a pouco né vai ser expulso da escola... a gente fica com um pouquinho de medo mas eu acho que também... né... seja uma fase de descoberta dele porque ele realmente não é uma criança tão normal assim assim como eu vou dizer... não é uma criança comum assim ele realmente desperta eh/eh/eh atenção dele pra coisas que as crianças da idade dele não despertam

D: LM vamo fazer o mapa astral dele AGORA (risos)

L: Vou fazer pra ver se ele tem né alguma

D: Alguma coisa nesse sentido



L: É não é possível e engraçado que quando eu tava grávida as pessoas falavam assim “LF qual vai ser o nome dele” “LM” “nossa LM esse nome bota esse nome não que a criança com nome de LM é muito levada” aí eu falava assim “não eu não CONSIGO pensar em outro nome tem que ser LM” e hoje quando eu me pego falando “LM, LM, LM” eu só lembro “meu deus do céu () pra eu colocar LM” ele realmente é muito levado mas ao mesmo tempo é muito carinhoso é muito inteligente... ele já tá:/ele tá assistindo um desenho que chama Dora Aventureira e ele deu pra falar inglês “minha mãe sabe como é que é roxo pôrou sabe como é que é amarelo iélou vermelho ve/eh/rédi” então assim eu achei que inclusive a opção da escola não foi uma escola que fosse bilíngue porque eu achei que isso era muito sabe acelerado pra idade dele mas agora eu tô vendo que assim acho que talvez no ano que vem quando ele tiver com quatro pra cinco eu acho que o iniciózinho no curso de inglês vai ser bacana porque ele tem facilidade de aprender e muita

D: É essa idade é:

L: E muita... Eu achei que isso não fosse legal porque eu achei que pudesse confundir mas já percebi que ele tem né facilidade

D: Cognição pra separar o que é a língua dele e o que que não é né

L: Isso... Então assim né vamo que vamo eu acho que vou dar conta de LM

D: Vai sim valeu LM

ENTREVISTA GUIADA

Tema: Ser mãe

Locutora: L- Sexo feminino, 53 anos, campista, Ensino Médio completo, dona de casa

Duração: 07 minutos

D: Fala pra mim o que é ser mãe pra você

L: ... (suspiro) ser mãe pra mim... foi uma coisa MARAVILHOSA que aconteceu na minha vida... já não fui mãe muito ce/muito nova (risos)... mas... quando descobri que estava grávida foi a melhor coisa que me aconteceu tive uma emoção tamanha... dos dois... e hoje já se passaram vinte e cinco anos... e eles continuam comigo continuo cuidando deles como se fossem meus bebês... e tenho assim um medo/um medinho de quando eles forem embora cuidar da vida não sei como é que eu vou reagir não sei se eu vou conseguir eh::... tratar isso naturalmente espero que sim tenho trabalhado muito na minha mente pra isso... mas:... eh:: ser mãe é um/é uma:/é uma sensação muito boa quem é mãe sabe como que é né... eh: é viver pra/prá outra pessoa é dividir seu tempo seu sono seu alimento su/suas alegrias então é MUITO bom e... (risos) eh::... é até complicado falar porque a gente acaba se emocionando né mas: é MUITO maravilhoso e acho que se for pra ser mãe de novo eu serei com MUITO amor e agora espero NETOS né pra eu ser mãe duas vezes (risos) porque melhor do que um filho é um neto que você cr/eh cuida mas não é seu... educação é dos pais

L: brinquei muito com seu irmão, já com você brinquei pouco... mas eu acho que eu ia ser uma pessoa diferente, eu ia/eu ia brincar mais, eu ia sair mais porque a gente nunca saiu né?! a gente nunca brincou, a gente nunca foi em lugar nenhum né... eu acho que eu ia ser uma mãe melhor... sei lá, não sei mas eu tinha que ter a cabeça que eu tenho hoje (ruído) () eu tô achando que eu tô melhorando tô igual vinho (risos) né não... tô igual vinho ficando bom (ruído) não/não sabe aquele menino o LM lá do Maria Franc? LM...

D: Hum

L: Sabe quem é num sabe?



D: Acho que eu sei

L: Que namorou a LF...

D: Sim

L: Elezim... O mulequim dele é tão bunitim... aí ele mandou hoje um vídeo QUE COISA MAIS LINDA O VÍDEO QUE ELE MANDOU... lindo o vídeo no nosso grupo... lindo lindo lindo... olha eu/quando eu assisti o vídeo falei “gente que coisa mais linda”

D: Sobre o que o vídeo?

L: Sobre::... sobre::... a vida nossa né... oh qué vê (ruído)

ENTREVISTA ESPONTÂNEA

Locutora: L- Sexo feminino, 53 anos, campista, Ensino Médio completo, dona de casa

Tema: Reunião familiar

Duração: 07 minutos

L: LF tá querendo fazer um encontro dos irmãos... eh: mas aí LM/quer fazer em dezembro mas LM quer que faça: em outubro no aniversário da mãe dele que aí vai estar todo mundo aí: reúne né aí já faz uma coisa só aí mas ela quer porque quer em dezembro ele quer em outubro porque ele falou que a mãe já vai fazer oitenta anos e:: num sabe como é que: futuro se ela vai tá junto ou não então pra fazer agora porque ele vai tá de férias aí vai unir o útil ao agradável e:: aí não sei o que que vai acontecer não se vai se não vai

D: Mas, por que que ela quer em dezembro?

L: Porque ela falou que todo mundo tem uma semana de folga em dezembro aí ele falou assim “mas quem trabalha no banco não tem uma semana de folga eh:: é um dia natal... o ano novo não tem dias... e pra mim eu/eu vô tá de férias então, é melhor fazer agora” aí não sei o que eles vão resolver não

D: Mas aí em outubro seria que dia?

L: Dia: acho que o aniversário dela é dia dezoito de outubro... aí ela vai tá/aí ele entra de férias dia quinze aí de outu/aí em outubro ele vai tá de férias... aí a gente vai fica lá

D: Ele entra dia 15?

L: Dia quinze/acho que é quinze quatorze ou quinze aí o aniversário dela é dia dezoito ele falou que ela pode fazer num domingo que esteja todo mundo aí até falou assim “junta todo mundo e dá o dinheiro do: do LM vir de/lá de Recife... pagar passagem do LM

D: Os irmãos?

L: Todos os irmãos cada um dá cinquenta reais... porque o LM tá trabalhando de Uber então não ganha muito né então falou assim/aí todo mundo reúne ele já compra agora a passagem porque: sai mais em conta né agora aí não sei eles estão decidindo lá... ela ficou de falar com ele depois

D: Ele tá trabalhando de Uber?

L: Urrum tá ele perdeu o emprego... aí tá de Uber

ENTREVISTA ESPONTÂNEA

Tema: Como conheceu o futuro esposo

Locutora: L- Sexo feminino, 90 anos, campista, Ensino Fundamental completo, dona de casa



Duração: 15 minutos

Contexto: A entrevista foi realizada ao telefone, com a avó da entrevistadora. A escolha pelo telefone deu-se em virtude de que, pessoalmente, a entrevistadora teve receio de a avó não se sentir à vontade e deixar de falar com naturalidade. As duas, na ocasião, estavam em Campos dos Goytacazes, que é onde a entrevistada se refere como aqui. O telefonema durou cerca de 15 minutos, o qual girou em torno do seguinte assunto central: como a entrevistada conheceu o esposo.

D: Vovó como que a senhora conheceu vovô?

LF: Como que eu conheci ele?

D: Isso.

LF: Olha, eu fui no Rio de Janeiro passear no Rio com a minha prima LF2. Aí, fiquei lá na Tijuca, na casa do meu tio. Na volta, nós viemos, passamos uma semana lá mais ou menos, e viemos. Quando chegou na estação/eu vim de/naquela ocasião não havia estrada de rodagens de ônibus era só é... é... rápido e... e noturno é... era trem, né aí eu vim de trem/vim de trem, com LF2 minha prima... Quando chegou em Rio Dourado, eu falei assim com LF2 “LF2, só tem homem velho aqui nesse, nesse carro desse trem” aí ela falou assim “é” aí chegou em Rio Dourado, o trem parou, né, na estação, entrou um rapaz era/era seu avô era ele... entrou um rapaz aí, eu falei “eba, entrou um rapaz”, aí ele ficou do outro lado, assim, porque no trem, cê sabe, tem aquela carreira, assim, tem um lugar que a pessoa passa né e a outra carreira. Eu fiquei na outra carreira e ele ficou lá defronte a nós assim olhando pra nós. Eu falei assim: “LF2 aquele rapaz ali tá olhando pra você” ((passou a reproduzir a fala da interlocutora na ocasião)) “Não LF, aquele rapa tá olhando pra VOCÊ”. “Ah é? Então, eu vou lá pra trás pra ver se é pra mim que ele tá olhando”... aí eu fui lá pra trás, sentei. Quando eu fui lá pra trás, ele foi atrás, foi atrás de mim e sentou do outro lado, assim, defronte a mim e puxou conversa comigo... Perguntou pra onde que eu ia eu disse “eu vou pra Campos, que eu moro lá em Campos” é... “aonde cê mora?” eu falei “Rua do Ouvidor número trinta e três, esquina da vinte e um” ele foi e disse assim “eu agora, eu trabalho no Banco do Brasil eu agora vou... vou embora ... amanhã vou pra Campos amanhã e eu vou pa... passar lá, posso passar?” eu falei “o cê que sabe” aí quando foi domingo de... de tarde assim quase de noite né, eu cheguei na janela, a casa lá era casa de porão existe essa casa lá, sabe, na rua do Ouvidor, eu cheguei na janela tava minha irmã noivando lá na sala com o... com o noivo dela e eu e... LM ficamos ali na/janela olhando pra/pru rua ((disse com ênfase)) quando eu olho, minha filha, quem tava em pé lá na esquina, era ele na outra calçada lá do lado lá da esquina da vinte e um, tava o... olhando pra mim, aí chegou e ficou olhando assim pra cima, porque a janela era alta a casa de porão, né, aí ficou conversando comigo ali e ficou vindo e conversando na janela do... do lado da da rua vinte e um do outro lado ficou vindo conversando... aí papai falou assim: “olha LF3 ((nome da esposa no diminutivo)) LF tá conversando com esse rapaz na janela. Só pode vim aqui um dia sim, um dia não. Ela não pode todo dia conversar com ele na janela” mas a janela D é... era uma janela alta, quem a mão podia me dar pra cumprimentar. Tá dando risada?

D: ((risos))

LF: A janela era uma janela alta ((falou rindo)) ele ficava LÁ::: embaixo, coitado, não sei como ele aguentou. Ficava OLHANDO pra cima e conversando comigo. Aí quando foi um dia papai disse assim: “olha LF3 ((nome da esposa no diminutivo)) esse rapaz está aí há dois meses” agora cê vê papai danado hein “há dois meses conversando com LF na janela eu vô chamar esse rapaz pra saber as intenções dele” aí o que que eu fiz? Aí eu contei a ele, aí ele



falou assim “olha LF, fala com seu pai que eu quero entrar e conversar com ele” aí ele entrou conversou com papai e ficou vindo conversar comigo dentro da sala. Papai ficava na cabecera da da da mesa lá lendo jornal e eu e ele na outra cabecera, eu de um lado e ele do outro conversando. Aí papai disse: “olha esse rapaz tá conversando com LF aqui não é todo dia não, é um dia sim, um dia não” aí eu falei com ele: “Ó LM é: meu pai não quer que você venha todo dia não” “tá bem, tem problema não eu venho um dia sim um dia não” ((resposta do interlocutor da ocasião)) aí ficou vindo um dia sim, dia não... papai ficava na cabecera da mesa do outro lado e eu ficava cá e ele na cabecera da mesa do outro LM aí ficava conversando né conversando ali conversando... conversando... era um dia sim, um dia não, que ele não queria todo dia né... eu fazia tudo que meu pai falava, né obedecia... foi assim até quando fez oito meses de namoro, nós ficamos noivos, depois sete meses de noivado, nós casamos... entendeu?

D: Entendi.

LF: Aí eu fui passar lua de mel em Ibitiba, Macaé, num hotel de Ibitiba, em Macaé, passar a lua de mel lá, tá? foi assim um hotel maravilhoso! o quarto D, tinha um mar que batia assim na pedra. Assim, que tinha perto da janela umas pedreira, que tinha na janela do quarto. Tinha o quarto, a gente subia umas escada e era lá no alto aí a gente ouvia ((ela imitou o barulho do mar batendo nas pedras)) aí nós fizemos a lua de mel nossa ali, ficamos uma semana ali, depois fomos pra Rio Dourado na casa dos pais dele, ficamos lá uns dias lá, depois fomos embora pra Campos que ele tinha que trabalhar depois né (ele tava de férias, ele tirou férias, tinha férias pra casar né, o banco deu a ele férias pra ele casar. Aí nós ficamos um dia sim, um dia não. Foi assim que conheci ele, tá?

D: Tá ((risos))